

ONDAS HERTEZIANAS NO AR: A INSERÇÃO DA “VOZ DAS SELVAS”

Jefferson Henrique Cidreira¹

Universidade Federal do Acre - UFAC

RESUMO

Neste artigo, pretendemos fazer um estudo em torno da inserção da Rádio Difusora Acreana (RDA), conhecida como a Voz das Selvas, no Estado do Acre; destacarmos a sua contribuição no âmbito cultural da região; e notabilizar a sua importância como um meio de comunicação de massa, capaz de ligar e interligar o Acre com o restante do país, e com suas próprias colocações e/ou localidades. Foi através da Voz das Selvas que, lugares antes “inalcançáveis”, dados às dificuldades geográficas, passaram a inserir novas pessoas, antes “excluídas”, esquecidas da sociedade, pois foi através do seu programa de mensagens, *O Correspondente Difusora*, que o povo ficava sabendo das notícias do Brasil e do mundo, se comunicavam com parentes que moravam em lugares longínquos, enfim, comunicavam-se entre si. Para tal estudo, utilizaremos como aporte teórico/metodológico as pesquisas sobre o rádio de Lia Calabre, Francisco de Moura Pinheiro, Benedito Rostan etc., além de referências dos jornais impressos locais, datados desde 1945 até 1981, e depoimentos de funcionários da RDA. As fontes teóricas/metodológicas e orais acima citadas nos permitirão fazermos um estudo conciso sobre este meio de comunicação de massa no Acre, possibilitando evidenciarmos a história de sua inserção neste território, e a sua fundamental importância cultural e comunicativa para a população acreana, que via/tinha neste objeto (o rádio), o único meio de comunicação, entretenimento e de interação social capaz de suplantar as diversidades geográficas do território acreano.

PALAVRAS-CHAVE: A Voz das Selvas, Rádio Difusora Acreana, Acre.

ABSTRACT

In this article, we make a study about the integration of Radio Difusora Acre (RDA), known as the Voice of the Jungle, in Acre; we deploy its contribution in the cultural context of the region; excel and its importance as a means of mass communication, able to connect and interconnect Acre with the rest of the country, and with their own settings and / or locations. It was through the Voice of the Jungle that places before "unreachable", given the geographical difficulties, began to insert new people before "excluded", forgotten of society, because it was through your messaging program,

¹ Professor do quadro efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Acre; Gestor na Escola Municipal Boa União; formado em Licenciatura em História pela Universidade federal do Acre; acadêmico do curso de Letras/ Inglês pela referida Universidade; Pós- graduado em Planejamento e Gestão pela Universidade de Várzea Grande do Rio de Janeiro e Mestre em Letras na linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade pela UFAC.

Correspondent Difusora, the people would know the news from Brazil and the world, communicated with relatives living in distant places, finally, communicated with each other. For this study, we use as the theoretical / methodological research on the Radio Lia Calabria, Benedito Rostan etc., and referrals from local newspapers, dating from 1945 to 1981 and statements from officials of the GDR. The aforementioned theoretical / methodological and oral sources will allow us to do a concise study of this medium of mass communication in Acre, enabling signal the story of its insertion in this territory, and its fundamental cultural and communicative importance for the population of Acre, who saw / had this object (the radio), the only means of communication, entertainment and social interaction can overcome the geographical diversity of the Acre territory.

KEYWORDS: The Voice of the Jungle, Radio Difusora Acreana, Acre.

INTRODUÇÃO:

Uma imagem vale por mil palavras [...] e o rádio realmente usa as mil palavras para criar cada imagem.

Gisela Ortriwano, *A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*, 1985.

O rádio foi uma invenção nascida da soma de várias descobertas feitas no fim do século XIX e início do século XX. Em 1887, Heinrich Hertz descobre as “ondas hertzianas”, em 1895, Aleksandr Popov inventa uma antena capaz de captar tais ondas. Em 1896, o italiano Guglielmo Marconi, usando tal antena mais as ondas hertzianas consegue receber e transmitir os primeiros sinais que deram origem ao rádio.

No Brasil, o pioneiro do rádio foi o padre Roberto Landell de Moura, em 1893, fez sua primeira transmissão, porém foi tido no Brasil como “louco” e por conta disso deixa o Brasil. Segundo Vargas, “Landell de Moura vivia sendo ridicularizado no Brasil e suas ideias não foram aqui aproveitadas, levando-o a se mudar para os EUA” (VARGAS, 1994, p. 15). Porém, um questionamento nos sobressai, o que é o rádio?

Segundo Rabaça e Barbosa, o rádio pode ser definido como:

Veículo de radiodifusão sonora que transmite programas de entretenimento, educação e informação. Música, notícias, discussões, informações de utilidade pública, programas humorísticos, novelas, narrações de acontecimentos esportivos e sociais, entrevistas e cursos são gêneros básicos dos programas. Serviço prestado mediante concessão do Estado, que o considera de interesse nacional, e deve operar dentro de regras preestabelecidas em leis, regulamentos e normas. (RABAÇA e BARBOSA, 1987, p. 491)

O rádio, no Brasil, foi lançado por um grupo de intelectuais sob a tutela de Roquete Pinto, os quais viam no rádio um meio capaz de elevar a cultura do país. A primeira transmissão radiofônica no país ocorre no dia 22 de setembro de 1922, como parte das comemorações do centenário de Independência do país. No ano seguinte, é inaugurada a primeira estação de rádio do país, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

No Acre, o rádio chega num momento marcado mundialmente, o da 2ª grande Guerra Mundial, nos primeiros anos de 1940. Para compreendermos esse momento é importante fazermos aqui uma breve contextualização histórica.

Nesse período, o Território acreano vivia o segundo surto da borracha e/ou a “Batalha da Borracha”, já que os “seringais” da Malásia, de domínio da Inglaterra, foram invadidos e tomados pelos japoneses, aliados ao Eixo, e a borracha era matéria-prima essencial na produção de “utensílios” de guerra, como os pneus, por exemplo.

Com isso, a borracha amazônica voltou a ser crucial para os países envolvidos na guerra, em destaque aqui os Estados Unidos. Estes, no dia 3 de março de 1942 assinaram com o Brasil acordos diplomáticos voltados para a compra da borracha amazônica, como elucida o historiador Carlos Alberto Alves de Souza,

[...] Os Estados Unidos criaram programas de procura e compra de borracha. Lembraram-se da Amazônia brasileira e prepararam vários acordos com o Brasil, em 1942, [...] Estes acordos são chamados de ‘Acordos de Washington’, pelos quais os Estados Unidos aplicariam dinheiro para reativar os seringais e comprar a produção do látex brasileiro, num período de cinco anos, de 1942 a 1947 [...]. (SOUZA, 1992, p. 47)

Foi também, nos primeiros anos da década de 1940 que desembarcaram os primeiros rádio - receptores no interior dos seringais do nosso Estado, até então Território, o rádio chega, através do trabalho empreendido durante o governo Silvestre Coelho, trabalho este, referente à instalação de uma estação de rádio no território do Acre.

1- História da Rádio Difusora Acreana- A Voz das Selvas

No dia 7 de agosto de 1944, é feita a primeira transmissão em caráter experimental da Rádio Difusora Acreana (RDA), pelo próprio governador Silvestre Coelho que anunciava a seguinte saudação ao povo acreano:

Está no ar pela primeira vez, a título de experiência, a Rádio Difusora Acreana. Aproveito o ensejo para enviar ao povo deste Território a minha saudação, desejando que este melhoramento seja sobremodo, proveitoso ao desenvolvimento intelectual e ao progresso desta abençoada terra (REVISTA A VOZ DAS SELVAS, 1999, p. 6)

A esse respeito o jornal *O Acre* mostrou em sua manchete o “*fervoroso entusiasmo*” (JORNAL *O ACRE*, 1944, p. 1), causado na população pela primeira transmissão da rádio no Território, “*A população de Rio Branco viveu horas de fervoroso entusiasmo, no dia 7 do corrente, quando foi lançada ao ar, pela primeira vez, a voz da Rádio Difusora Acreana*” (JORNAL *O ACRE*, 1944, p. 1).

Finalmente no dia 25 de agosto de 1944 é então inaugurada à primeira estação de rádio do Acre, a ZYD-9, Rádio Difusora Acreana (hoje conhecida como a “*Voz das Selvas*” operando em duas frequências AM: ZYH 200- 1400 KHZ, ondas médias e ZYF 201- 4885 KHZ, ondas tropicas) que passava a funcionar em caráter permanente, transmitindo as últimas notícias da participação brasileira no front de batalha da segunda guerra mundial e as cotações internacionais da borracha.

A partir daí a RDA caiu nas “graças” da população acreana, se transformando logo em um veículo de comunicação de massa, já que atingia quase totalidade do Território acreano, sendo popularmente conhecida como *A Voz das Selvas*, chegando nas áreas mais distantes, atingindo a maioria da população. E mesmo sendo controlada pelo governo, já que essa emissora pertencia ao Estado, o rádio foi logo “dominado” pelo povo acreano, já que esse veículo de comunicação foi usado em grande maioria, pela população para transmitir suas mensagens, noticiar sua chegada na cidade, a negociação de algum produto, para se comunicar ou simplesmente para dedicar alguma melodia a alguém. Enfim, o rádio ganhava uma conotação maior, que ia além de uma simples ferramenta do governo, ele ligava o campo à cidade e vice-versa por meio da comunicação. Assim, como Hobsbawm (1995), em seus estudos, apontou o rádio como um poderoso veículo de comunicação e integração entre os indivíduos.

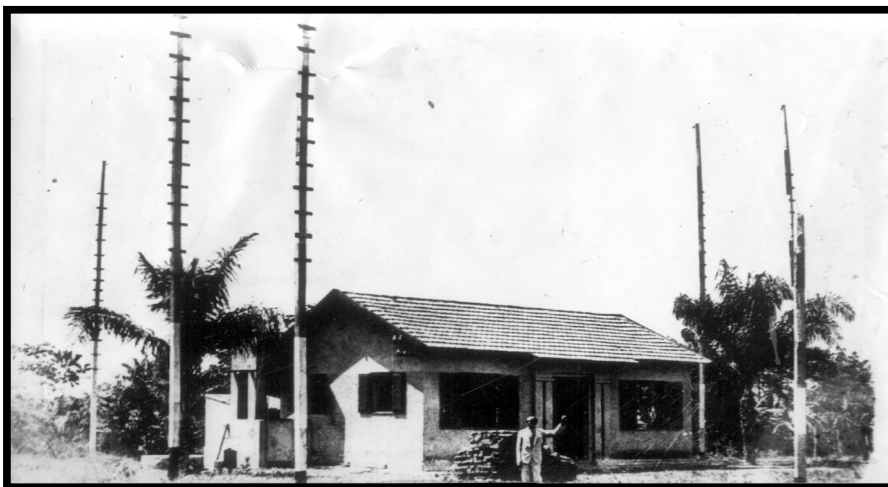


Figura 1: Primeiro Prédio da Rádio Difusora Acreana na década de 1940.

É importante salientarmos que, nas primeiras décadas no Acre o aparelho de rádio era considerado um “artigo de luxo”, pois seu preço era alto e só quem possuía esses aparelhos eram famílias com um grande poder aquisitivo. Como nos afirma a radialista Nilda Dantas,

O meu vizinho era militar, então ele tinha um salário razoável e podia propiciar à família um rádio. Então, ele tinha um rádio e uma eletrola, era um aparelho grande, o meu pai era só um carpinteiro e minha mãe era do lar, então nós não tínhamos condições de comprar um rádio. Então íamos escutar rádio na casa desse vizinho que na época trabalhava na antiga Guarda Territorial e era considerado classe média alta, já que ter um rádio, possuir um, era para aqueles que tinham um melhor poder aquisitivo. (ENTREVISTA COM NILDA DANTAS, RIO BRANCO, 2006)

A despeito dessa prática, Calabre afirma que,

[...] o desejo das camadas populares de possuírem aparelhos de rádio crescia, e, quando as famílias ainda não podiam ter seus próprios rádios, lançavam mão de uma prática que se tornou muito corriqueira: a de se um ‘rádio vizinho’. Era comum que as famílias que tinham aparelhos de rádio os partilhassem com os vizinhos, permitindo que acompanhassem parte da programação [...]. (CALABRE, 2004, p. 25)

O interessante é que essa prática consolidou o rádio como um elo de sociabilidade dentro e fora da própria estrutura familiar e foi tornando-o mais popular.

A possibilidade da escuta coletiva por toda a família ou por todas as pessoas presentes nos recintos onde estivessem os aparelhos de rádio aumentou o interesse pelo veículo e deu início ao processo de popularização do mesmo [...]. (CALABRE, 2004, p. 22)

O rádio era considerado quase “um membro da família”, pelo carinho e o zelo que tinham com o aparelho. Tornava-se tão importante nos lares que tinha o seu lugar próprio, ele ficava na sala, ou numa mesinha ou em cima de uma tábua pregada na parede. Geralmente localizava-se num lugar alto, para assim ficar longe do alcance das crianças, para que elas não danificassem o aparelho. “O rádio gradativamente passava a ocupar um lugar de destaque nas salas das residências” (CALABRE, 2004, p. 23), (vide figura 2):



Figura 2: Aparelho de rádio nas décadas de 1960 e 1970.

Rostan (2005) retoma esse caráter de socialização que o rádio trazia e vai além, destacando seu “poder” de reunir pessoas, de atingi-las de tal maneira que se tornava “sagrado” a escuta de seus programas preferidos, de suas mensagens e melodias. Enfim, o rádio se tornava um veículo de fundamental importância na vida dos seus ouvintes. Segundo ele:

[...] O veículo tem a função de reunir as pessoas [...] família, amigos estão todos na sala para ouvir o programa, como se tivessem um momento de aliança em torno do rádio, de intimidade, de conforto familiar, para juntos se confraternizarem com as notícias da região. Esse fazer reunir do rádio não se limita à família ou casa, vai para a rua, a floresta, para os rios, para a comunidade, unindo pessoas com pessoas [...]. (ROSTAN, 2005, p. 115)

Quanto a sua popularização deveu-se a vinculação de programas mais voltados para a “massa” pelas emissoras, como afirma Calabre, “buscando atrair um público maior, elas (emissoras) apresentavam programas mais populares, com um ritmo dinâmico, prendendo melhor a atenção dos ouvintes” (CALABRE, 2004, p. 23, grifo nosso), e a fabricação de aparelhos mais baratos, “[...] outras fábricas também passaram a produzir pequenos rádios que, pouco a pouco, se tornavam acessíveis para um número maior de pessoas” (CALABRE, 2004, p. 18).

Porém, outro objeto de suma importância emergiu da fabricação desses rádios mais populares em nosso Território, à pilha. Antes da fabricação desse tipo de rádio, o aparelho era importado, de tamanho maior, valvulado, elétrico e muito caro. Com a fabricação do rádio à pilha, esse objeto tornou-se popular e se propagou rápido no Território acreano, já que podia atingir grande parte de sua população.

A maioria da população acreana estava concentrada nas zonas rurais, onde a luz elétrica ainda não havia chegado, logo, o rádio à pilha, e claro, as pilhas, se tornaram objetos preciosos para grande parte dessas pessoas.

Observamos essa importância da pilha no depoimento cedido pelo jornalista José Chalub Leite ao professor Francisco de Moura Pinheiro para sua dissertação em mestrado intitulada *Impactos de Veículos de comunicação de massa numa reserva extrativista no Estado do Acre*, segundo ele: “[...] O presente recebido com maior alegria pelo seringueiro, pelo colono, pelo agricultor, é justamente a pilha. Dê pilha de rádio que ele fica satisfeítíssimo. Porque ela serve também pra lanterna” (PINHEIRO, 1999, p. 106).

Assim, com essa popularização do rádio e as pilhas para seu funcionamento nos locais mais distantes do território, destacaram-se vários programas populares no rádio como as radionovelas e programas de músicas, mas nenhum foi tão popular, e ainda é, quanto o *Correspondente Difusora*.

2- Programas Populares na RDA: O Correspondente Difusora.

Apesar do início de transmissões de notícias sobre a guerra, a Rádio Difusora Acreana, mais precisamente seus equipamentos, ainda eram precários, logo, haviam muitos problemas técnicos e só em maio do ano de 1947, com a remodelação dos seus equipamentos a RDA volta a operar normalmente, preenchendo novamente a atenção do povo acreano.

Ao longo dos anos iniciais de sua história, mesmo com essa integração que a RDA fazia deste longínquo Território com o restante do país, ela foi considerada apenas uma rádio oficial, cujo papel era tão somente de prestigiar e exaltar o governo.

Contudo, se era assim considerada nos idos de sua fundação, a Rádio Difusora Acreana foi ganhando durante os anos uma preponderante importância junto ao povo acreano, digo até mesmo, uma essencial e fundamental importância na vida de cada um dos seus ouvintes, já que a rádio servia de instrumento de comunicação, de integração social para os acreanos, onde o povo aqui ficava sabendo das notícias do país e do mundo, e integrando o próprio povo acreano entre si, ou seja, integrando a cidade com o campo, a cidade com os longínquos seringais, colocações do Território acreano através do serviço de mensagens.

Na Amazônia as pessoas falam, conversam, trocam informações e recados pelo rádio [...] o rádio não é veículo de transmissão de informação no sentido em que normalmente se atribui a essa mídia. Para as distantes populações ribeirinhas, com total carência de estradas e cujo meio de transporte predominante são as embarcações, o rádio é meio de uma conversação sui generis [...]. (ROSTAN, 2005, pp. 13-14)

Na Amazônia, o rádio se estabeleceu com uma conotação de uso diferente de outras regiões do Brasil, especialmente do centro-sul do Brasil, onde o rádio era usado pela elite com objetivos educacionais, de elevar e levar a cultura erudita das elites econômicas ao restante da população. Na Amazônia, o rádio se enveredou por um outro caminho, se tornou um veículo de comunicação e de integração das populações mais distantes e de difícil acesso, onde através do rádio a população se comunica mais rapidamente, se socializa, sabia das notícias do seu país e do seu lugar (colocação, seringais, comunidades e etc. onde vivem), de seus compadres, e assim se sentiam integrados a sociedade.

Tais programas ganhavam destaque na vida dos acreanos, onde causavam e ainda causam, até hoje, esse efeito de incorporação à sociedade, ou seja, essas pessoas que moram nos lugares mais distantes e de difícil acesso, se sentem inseridas e atuantes no contexto social ao qual de fato pertencem. E essa socialização é claramente vista num dos programas de destaque da RDA, o *Correspondente Difusora* ou também conhecido como: “programa de recados” que contribuiu e ainda contribui para a difusão da comunicação em todo Território acreano.

Esse programa iniciou-se em 1948, quando a Rádio Difusora Acreana abriu espaço em sua programação para que os ouvintes trocassem mensagens, recados e avisos. Neste período, a rádio funcionava na “Casa Araripe”, na esquina das Avenidas Getúlio Vargas com Epaminondas Jácome. Esse programa quando foi criado chamava-se “Falando Para o Interior”.

Os aparelhos receptores ainda eram artigos raros em Rio Branco, e às 7 horas o locutor iniciava a leitura das mensagens que iam até às 9 horas da manhã, quando se interrompia o fornecimento de energia elétrica. Essas mensagens eram transmitidas através de alto-falantes pendurados na parte externa do edifício onde se localizava a emissora em questão, as mensagens eram lidas e relidas, sempre intercaladas com comerciais e melodias.

Hoje o *Correspondente Difusora*, também conhecido como “Programas de Recados”, ainda é um dos programas mais escutados da RDA e meio de interação, como já foi mencionado, entre a cidade e o campo, ou seja, é um meio de socialização e de comunicação entre os seus ouvintes tanto da cidade quanto do campo.

E mesmo com tantas inovações tecnológicas que se tem hoje em dia, o *Correspondente Difusora* foi por muitas vezes, e ainda é, o único meio de socialização e de comunicação, uma mídia poderosa que as pessoas do campo têm para se integrarem, exprimirem seus anseios e opiniões. Ele vai ao ar duas vezes ao dia, de segunda-feira a sábado, e em dois horários: às 13 horas e às 18 horas e aos domingos vai ao ar no horário das 13 horas.

E esse crucial papel social e midiático que o programa tem é destacado nitidamente na manchete do jornal *Repique* intitulada: *Rádio Difusora, o Telefone dos Seringueiros*:

Com 5 kW de potência no transmissor de ondas tropicais, a Difusora tem condição de cobrir todo o território acreano [...] Nos programas de aviso, a audiência estimada e de mais de 40.000 aparelhos, fora a rede de solidariedade que é montada para retransmitir os recados para as pessoas que não possuem rádio ou não conseguem captar as mensagens. Temos avisos de todas as procedências. Firms contratando pessoal, regatões que anunciam planos de viagem, candidatos se comunicando com cabos eleitorais, órgão de governo, mas, principalmente gente humilde mantendo contato com parentes distantes. (jornal *Repique*, 1985, p.17)

O teor das mensagens é quase sempre o mesmo: o remetente do “aviso” quer avisar a sua família que ficou no seringal, na colônia ou na colocação, sobre o estado de

saúde de um parente, informar quando retorna, comunicar se fez boa viagem, parabenizar alguém pelo aniversário, pelas datas especiais como o dia das mães, fazer recomendações a algum “compadre” ou “comadre” ou simplesmente dedicar uma melodia a alguém.

Como se pode observar na fala do radialista Edmar Bezerra, um dos apresentadores do programa “Correspondente Difusora”:

Houve uma necessidade muito grande de criar o Correspondente Difusora para a pessoa que chega à cidade proveniente dos seringais, das colônias, dos ramais, comunicar as pessoas que lá ficaram, se fez boa viagem ou não, quando vai retornar, se o assunto foi resolvido ou não. Que dizer, tornou-se necessário para a rádio e a população este programa que começou como Falando para o Interior. (ENTREVISTA COM EDMAR BEZERRA, RIO BRANCO, 2006)

Vale ressaltarmos que antes do programa ir ao ar, existem pessoas, peças fundamentais para que essas mensagens possam ir ao ar, os recepcionistas da rádio, os quais recebem as pessoas que ditam ou entregam manuscritamente sua mensagem, mediante a uma pequena taxa, que é, hoje em dia, digitada e depois lida ao remetente para ver se ele está de acordo com o que será entregue aos radialistas, apresentadores do programa, que as levarão aos diversos locais de nosso Estado: seringais, ramais, colocações e etc.

Na fotografia abaixo, vemos a recepção da RDA, atualmente, onde as mensagens são recebidas, interpretadas, digitadas e depois levadas aos apresentadores.



Figura 3: Recepção da RDA.

E essas mensagens não eram somente de pessoas que chegavam do campo, as quais mandavam mensagens para seus familiares, amigos que ficavam lá nos seringais, ramais, enfim, no campo. Essas mensagens também eram mandadas por pessoas que moravam na capital acreana, Rio Branco, que as enviavam às pessoas que moravam em outros municípios do Estado, ou ainda, eram enviadas por pessoas que chegavam de outros estados do Brasil que utilizavam destes serviços para encontrar seus parentes que aqui residiam. Porém, a maior parte dessas mensagens ainda é utilizada pelas pessoas que vêm do campo.

Não podemos nos esquecer de frisar, de mencionar novamente a grande importância do *Correspondente Difusora* para seus ouvintes, enfim, para a comunicação acreana, assim como nos relata Edmar Bezerra:

A importância das mensagens é muito grande, é especial o Correspondente Difusora, a pessoa chega e passa o seu aviso aqui pela manhã ou pela parte da tarde e comunica para seu irmão, seu pai que ficou no seringal. Digamos no rio Antimari, que fez boa viagem, e ao mesmo tempo que o locutor está transmitindo o aviso lá está recebendo, é muito útil o Correspondente Difusora. (ENTREVISTA COM EDMAR BEZERRA, RIO BRANCO, 2006)

Ou ainda como fala uma das pessoas que utilizam esse serviço, o senhor Francisco da Costa:

Meu nome é Francisco da Costa, mas conhecido como Fantó, apelido de família. Toda vez que eu venho aqui pra cidade, o meio de comunicação que eu tenho é esse aqui [...] A importância disso aqui é que eu tô com minha família lá, aí eu não tive como chegar lá, venho aqui e mando a mensagem e daqui a pouco eles vão ficar sabendo que eu vou chegar lá pela amanhã [...]. (ENTREVISTA COM FRANCISCO DA COSTA, RIO BRANCO, 2006)

Sem dúvida esse serviço, esse programa é de fundamental importância, como já salientamos, pois é, por muitas vezes, o único meio de comunicação para essas pessoas que estão distantes, que estão nos seringais, colocações e etc. e não tem telefone, não tem sistema de correios, televisão ou outros meios de comunicação existentes na cidade.

Os maiores beneficiários dessas mensagens radiofônicas são os chamados 'povos da floresta'. O programa é tão importante, indispensável e necessário para eles quanto o telefone, os correios ou a internet o são para os habitantes das cidades. Porque é o único- e o mais rápido- que dispõem para o contato

interpessoal à distância. (REVISTA A VOZ DAS SELVAS, 1999, p. 15)

E também é o meio mais acessível às pessoas de pouca renda, pois elas chegam à recepção da RDA, dizem, ou por muitas vezes, já levam escritas às mensagens num bilhete para a recepcionista, que por sua vez, decifrava, decodificava a mensagem por conta de uma má contextualização ou da caligrafia difícil de entender, e depois datilografava (hoje é digitalizada) e lia a mensagem para o remetente para ver se estava de acordo com o que ele queria. A mensagem emitida custava apenas um “valor simbólico”, ou seja, um pequeno valor, então se tornava mais em conta a estas pessoas que não têm grande poder aquisitivo.

E esta importância se mostra nítida em algumas mensagens, como neste que iremos citar para vocês. Além de toda comoção e pesar, há também a esperança e fé da remetente em encontrar sua mãe e realizar seu sonho:

Atenção! Éster Alves Pacheco em Xapuri, peço que venha com urgência que estou só esperando à hora, quero lhe ver e ao mesmo tempo realizar meu sonho de conhecê-la. Venha hoje com e sem falta, venha para a casa da senhora Anaildes no bairro Santa Inês, a penúltima parada do ônibus ao lado do posto de saúde, atrás da igreja Filadélfia da Palavra. Assina sua filha Olinda de Souza Pacheco. (MENSAGEM DE OLINDA DE SOUZA PACHECO, Rio Branco, 2006)

Essa mensagem mostra o sonho da senhora Olinda que á beira da morte quer ver e conhecer sua mãe, já que veio ainda pequena morar com seu pai em Rio Branco e o rádio é esse canal, o porta-voz desse pedido, dessa realização de um sonho, do seu último pedido antes da morte se consumir.

É nítido e importante destacarmos o caráter da oralidade bem intrínseca e enraizada dentro dessa mídia, o rádio, já que, aqui a voz ganha esse caráter eminente. Paul Zumthor nos esclarece bem a importância e a definição da voz. Segundo ele,

A voz é verdadeiramente um objeto central, um poder, representa um conjunto de valores que não são comparáveis verdadeiramente a nenhum outro, valores fundadores de uma cultura, criadores de inúmeras formas de arte [...] a voz é uma *coisa*, isto é, que ela possui, além de qualidades simbólicas, que todo mundo reconhece, qualidades materiais não menos significantes, e que se definem em termos de tom, timbre, alcance, altura, registro. (ZUMTHOR, 2005, pp. 61-62)

Essa definição trazida por Zumthor nos revela também sobre o trabalho do radialista, de transmitir as informações, as mensagens de uma maneira mais próxima dos seus ouvintes, com uma entonação própria, com uma linguagem mais próxima do seu público alvo, assim como nos afirma Rostan, “mensagens do povo, para o povo e com uma linguagem do povo” (ROSTAN, 2005, p. 12). Linguagem esta, das pessoas simples do campo, pelo fato de entre elas se entenderem esta linguagem própria, já que “para melhor se comunicar, o emissor deve usar a linguagem mais próxima do destinatário” (ROSTAN, 2005, p. 88), como se nota na seguinte mensagem:

Atenção senhor João da Silva, no seringal Bom Destino, colocação vai-quem-quer. Sua esposa avisa que o negócio do cavalo só entrou a metade, mas amanhã fará todo o esforço para ver se entra a outra metade. Abraços e beijos nas crianças, de seu amigo Sabá Camboeiro. (REVISTA A VOZ DAS SELVAS, 1999, p. 17)

O teor dessa mensagem tratava-se de uma negociação de compra e venda de um animal, no caso um cavalo, negociação essa feita pela esposa do senhor João da Silva, que não conseguiu concretizar a venda do animal à vista, porém metade do dinheiro já fora pago a ela e a mesma faria todo o esforço para que no próximo dia fosse pago a outra metade do dinheiro referente à venda do animal. Mas, esta mensagem poderia ser má contextualizada e logo ser entendida de outro modo, já pensou?

Essas mensagens, oriundas da oralidade, traziam em si a questão séria, referencial, ou seja, a questão da informação, entretanto, muitas vezes traziam também um cunho jocoso, ou seja, “que provoca o riso; engraçado, divertido, cômico” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 1684) e irônico.

Márcio Seligmann-Silva nos adverte sobre o “perigo” da ironia e, o cuidado que devemos ter, em fazer a separação do que é falso e do que é verdadeiro. Segundo ele,

A ironia é uma potente máquina de desleitura: o leitor nunca sabe como se comportar diante dela; se deve tentar separar o verdadeiro do falso, o sério da brincadeira, [...] o leitor acaba muitas vezes por simplesmente se abandonar ao ritmo da ironia: ele salta no precipício do não-sentido. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 371)

Além dessa mensagem, há outras que foram repassadas pelos seus remetentes para avisar sobre alguma negociação feita ou para avisar sobre o estado de saúde de alguém, porém, como já salientamos, por terem uma linguagem simples, uma

linguagem própria do homem do campo que não teve estudo, em sua grande maioria, não teve a oportunidade de frequentar uma escola, as mensagens ao serem escritas por eles e/ou formuladas e lidas no ar, tinham que estar do mesmo jeito com que foram repassadas, se tornando, às vezes, jocosas, porém, não menos importantes como nos afirma Pinheiro, “excluindo-se a questão do pitoresco, há uma espécie de respeito pelo formato e pela importância da mensagem radiofônica” (PINHEIRO, 1999, p. 119).

Portanto, é bem nítida a função social que o rádio e seu serviço de mensagens incorporam na sociedade acreana. Pois, a partir desse meio de comunicação “moderno”, dessa mídia de alto alcance, os discursos políticos e populares transitam, a efetivação da comunicação entre lugares de difícil acesso acontecem, visto antes como lugares “isolados”, aonde a informação chegava, a educação era transmitida, as reuniões dos sindicatos de trabalhadores rurais eram anunciadas, enfim, o rádio cumpriu bem seu papel de meio de informação e de socialização da população do Acre.

3- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PINHEIRO, Francisco de Moura. **Impactos de Veículos de Comunicação de Massa numa Reserva Extrativista no Estado do Acre**. Brasília: UNB, 1999.

RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

Revista **A Voz das Selvas**: História da Rádio Difusora Acreana. Rio Branco: FEM, 1999.

ROSTAN, Benedito. **Alô, Alô, Amazônia: A Linguagem da Floresta no Rádio**. São Paulo: Limiar, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre**. Rio Branco: Editora M.M Paim, 1992.

VARGAS, Milton (org.). **História da Técnica e da Tecnologia no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

3.1- Fontes Orais

Entrevista com o radialista Edmar Bezerra, Rio Branco, novembro de 2006, realizada pelo autor.

Entrevista com o senhor Francisco da Costa, Rio Branco, 2006, realizada pelo autor.

Entrevista com a radialista Nilda Dantas, Rio Branco, novembro de 2006, realizada pelo autor.

MENSAGEM da senhora Olinda de Souza Pacheco, Rio Branco, 2006.

3.2- Jornais ou periódicos

Jornal *O Acre*. 13 de Agosto de 1944, ano XIV, nº 759, p. 1.

Jornal *Repique*, 20 de outubro de 1985, ano I, nº 38, p.17.